

História da Arte: Renascimento até pré-modernismo



- ✓ Renascimento
- ✓ Barroco e Rococó
- ✓ Arte africana
- ✓ e as origens do Modernismo

“

Todo objeto de arte é um lugar de convergência onde encontramos o testemunho de um número mais ou menos grande, mas que pode ser considerável, de pontos de vista sobre o homem e o mundo.

Pierre Francastel (1900-1970)

”



Estátua Songye-Kalebwe, República Democrática do Congo

Renascimento

Como vimos no fascículo anterior, durante a Idade Média na Europa a religião regia a vida das sociedades, prevalecendo o feudalismo como forma de organização socioeconômica.

Imagine que, por volta de 1350, o continente europeu sofreu considerável aumento da população, encontrando-se marcado por muitas disputas e rebeliões. No cerne das mudanças, surgiu uma nova classe social - a burguesia - que, enriquecida pelo comércio, tornava-se mais independente do poder da Igreja e dos senhores feudais.



Dom Quixote, o romance de Miguel de Cervantes, marca o final da Idade Média e o início da Idade Moderna, que começa com o Renascimento. Esse clássico do escritor espanhol, com adaptação de Agustín Sánchez Aguilar e tradução de Marina Colasanti, está disponível no acervo IBS!

A arte segue o mesmo itinerário, acompanhando as transformações sociais que muito modificaram o curso da História. À medida que vai deixando de lado as concepções religiosas, o ser humano recupera e reconquista outra visão de si e do ambiente que o cerca e o compõe.

O homem, seu pensamento, suas habilidades e suas realizações passam a ser o centro da nova concepção de mundo. Por isso, o Renascimento, que surge logo em seguida ao gótico, representa o ser humano vitorioso, expressando-se platicamente através de uma perspectiva científica e na busca de uma interpretação mais verdadeira da realidade que o cercava, abandonando aos poucos a visão mística e visionária, característica predominante na arte da Idade Média.



Exemplo do primeiro período do Renascimento, o Trecento, são os afrescos de Giotto (1267-1337) para a Capela degli Scrovegni entre 1304 e 1306, em Pádua, Itália.

O Renascimento foi o rompimento com um modo de pensamento estético, com uma cultura estabelecida durante oito séculos, uma revolução de valores nunca vista, embora não desvincilhada totalmente do modelo medieval, já que vemos em Giotto, por exemplo, a narrativa de temas bíblicos, embora com uma representação mais realista, carregada de sentimentos.

O movimento que ocorre nas artes e na cultura encontra-se relacionado à revalorização do pensamento e da arte da Antiguidade clássica e à formação de uma cultura humanista. Os artistas desse período se orientam por ideais de beleza, harmonia, equilíbrio e graça, utilizando os princípios de simetria e proporção das figuras, em conformidade com os padrões clássicos greco-romanos. Assim, à medida que vai deixando de lado as concepções místicas, o ser humano retoma a visão de si próprio. A nova concepção de mundo se dá a partir do seu ponto de vista.



No Renascimento, ressurgiu a figura do mecenato, palavra cuja origem é ligada ao nome de Caio Mecenas, incumbido pelo imperador romano Otávio Augusto de financiar os artistas para que pudessem se ocupar exclusivamente de sua produção. A burguesia abastada retoma a prática do mecenato, aumentando seu prestígio e contribuindo para o desenvolvimento da arte.



The Frick Collection

Nessa pintura da Virgem com o menino de Jan Van Eyck (1390-1441), o monge Jan Vos, que aparece ajoelhado diante da virgem, foi a pessoa que encomendou a pintura. Doadores e mecenatos costumavam ser imortalizados nas obras de arte.

O berço do Renascimento foi a região da Toscana, Itália, especificamente em Florença que, entre os anos 1300 e 1500, foi centro político, econômico e cultural do país.

Outro centro irradiador do Renascimento foi a região onde hoje é a Bélgica e a Holanda, então condado de Flandres. Embora sua arte tivesse características similares aos italianos, como a perspectiva, o claro-escuro e o realismo, devido a diversidades geográficas e sociais, tem particularidades distintas em seu estilo, denominado flamengo, em alusão à língua falada na região de Flandres.

Enquanto na Itália o contato com a natureza é mais facilitado pelo clima, com horizontes mais claros e abertos, os pintores flamengos têm um clima que os obriga a ter uma vida no interior das casas, vendo a paisagem através das janelas, concentrando, portanto, mais atenção aos objetos domésticos. Entre os flamengos destacam-se os irmãos Van Eyck, nos anos 1400, a quem

é atribuída a invenção da tinta a óleo, e Hieronymus Bosch, com uma obra bastante singular.



Giuseppe Monti - Unsplash

Florença, Itália, o berço do Renascimento





Acima: *O nascimento de Vênus*, do italiano Sandro Botticelli (1445-1510). Abaixo: retrato do casal Arnolfini, pintura do flamengo Jan Van Eyck (1390-1441).

Algumas inovações se fazem notar, como o advento da tinta óleo, que permitiu aos pintores fazer uma transição suave entre as cores, o que não podia ser feito com a têmpera, tinta a base d'água, de secagem rápida. O recurso permitiu a gradação entre sombra e luz, ajudando a criar a sensação de volume e suavizando os contornos, técnica que se convencionou chamar de esfumato.

A perspectiva, outro resgate da arte greco-romana agora estudada de forma mais aprofundada, transforma as obras em verdadeiras janelas para o mundo, com exatidão de detalhes, algo que só seria alcançado novamente com a fotografia no século XIX.

A pintura começa a desprender-se das paredes das construções, embora a demanda por afrescos ainda existisse. Um célebre exemplo é "A última ceia", um afresco de Leonardo da Vinci (1452-1519) realizado na igreja Santa Maria della Grazie, em Milão, Itália.



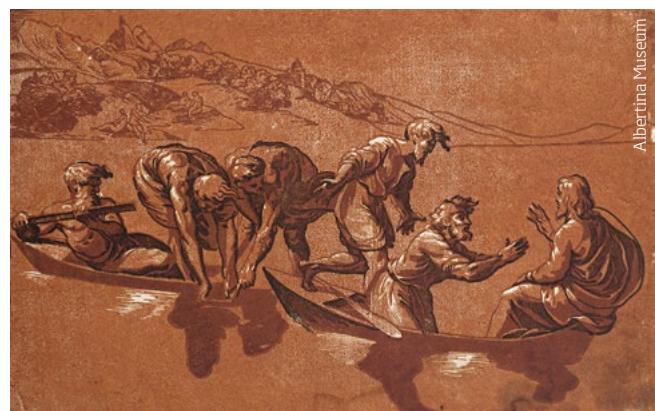
Reprodução / Agência RBS

A iluminura, com sua fatura minuciosa, vai sendo aos poucos abandonada em favor da xilogravura, técnica de reprodução que, junto aos tipos móveis popularizados por Gutemberg e o papel, criado pelos chineses e introduzido na Europa pelos muçulmanos, dá início a imprensa. Como ilustrações para as obras literárias, elas ainda guardam um estilo gótico, e vão se adaptando aos poucos às novas visualidades renascentistas.

A xilogravura também atendeu à produção de folhas soltas com reproduções de obras de arte, impressões em cores chamadas de *chiaroscuro* (claro-escuro) que divulgavam os trabalhos dos artistas. Nessas estampas individuais, já se nota uma adesão à visualidade de inspiração greco-romana vigente no Renascimento, em estampas em cores. Você vai aprender a fazer xilogravuras nas oficinas práticas do IBS!



Páginas do livro *Hortus Sanitatis* (1491). Você pode conhecer essa obra completa [clicando aqui](#).

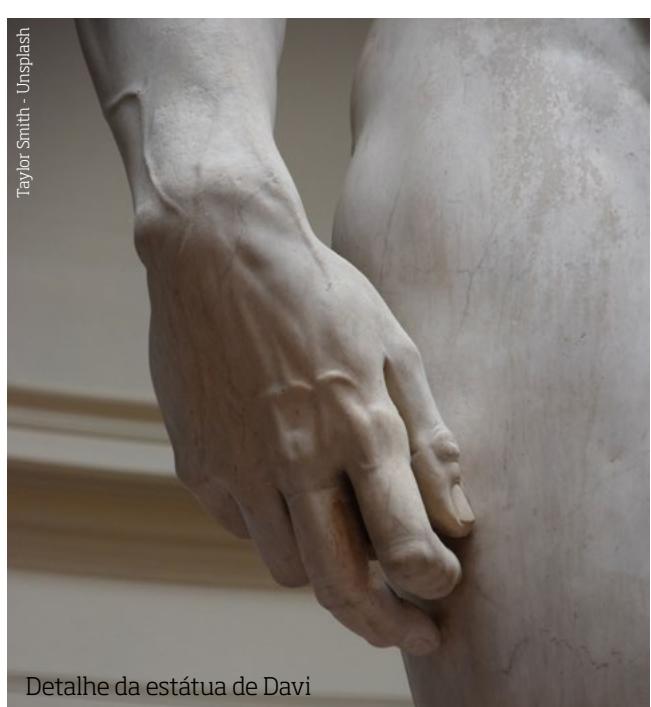


Estampa solta de Ugo de Carpi (1480-1523) com base na pintura *O milagre da multiplicação dos peixes*, de Rafael Sanzio (1483-1520). [Acesse clicando aqui!](#)



Na escultura, os artistas se destacaram produzindo obras que transmitem não apenas beleza mas, sobretudo, os sentimentos que animam a figura em determinada situação, com contornos definidos e profundo conhecimento do corpo humano, utilizando modelos vivos em seus ateliês e até mesmo dissecando cadáveres para compreender a anatomia. Os artistas se interessavam em buscar a verdade nos corpos, paisagens e objetos representados e, para isso, dedicavam-se incansavelmente aos estudos e pesquisas.

Os escultores que mais se destacaram no Renascimento foram Michelangelo e Donatello, amigo do arquiteto Brunelleschi que, trabalhando tanto em mármore como em bronze, deu à luz uma vasta obra escultórica.



Sabemos que o berço do Renascimento foi a Itália, especificamente em Florença que, entre os anos 1300 e 1500, foi centro político, econômico e cultural do país. Por isso, na Itália, a Renascença é dividida em três períodos que marcam toda essa trajetória.

Trecento

É a primeira fase do Renascimento, especificamente na cidade de Florença, nos anos 1300, transformando todo o panorama artístico europeu. É um momento de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna em que se nota o despontar das questões humanistas e a consequente ruptura com o estilo gótico.

Alinari/Art Resource - New York



Exemplo desse período são os relevos de Nicola Pisano (c.1220-c.1280) e a obra de Giotto, como já vimos.



wikipedia

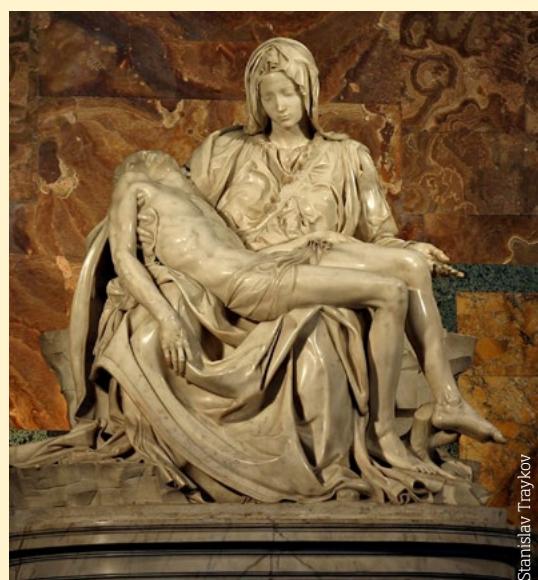
Um exemplo do Quattrocento é a pintura *O pagamento do tributo* (1425), afresco de Masaccio (1401-1428) na Capela Brancacci em Florença, Itália.

Quattrocento

No Quattrocento o Renascimento é consolidado, e os fatores que muito contribuíram para isso foi o advento da tinta a óleo e o aperfeiçoamento da imprensa por Gutenberg, o que facilitou a propagação do conhecimento.

Cinquecento

O Cinquecento é um período marcado pela fusão de temas religiosos e profanos e muito contribuiu para a expansão do movimento na Europa.



Stanislav Traykov

Pietà, escultura em mármore de Michelangelo feita para a Capelas dos Reis de França dentro da Basílica de São Pedro, no Vaticano.

O Renascimento foi marcado por transformações profundas na mentalidade do homem ocidental, que se fez perceber em todas as suas áreas de manifestação, seja na ciência e na filosofia ou nas artes. E até que toda essa mudança fosse consolidada, desde os seus primórdios até seu total amadurecimento, demandou um longo tempo.



Barroco

A expansão do comércio e o crescimento dos burgos deram origem a um movimento de busca de novas rotas comerciais mais vantajosas durante o Renascimento. Os novos países, em consolidação, investiram em navegação e Portugal esteve na vanguarda da ciência náutica. Durante essas viagens de prospecção, foram descobertos novos territórios, antes ignorados pelos europeus mas já há muito tempo habitados.

Sabemos que, nesse contexto, em meio à efervescência renascentista na Europa, o Brasil foi descoberto no ano de 1500 pela esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral. No entanto, não foi a arte renascentista que ancorou em terras brasileiras. O primeiro estilo artístico trazido pelos portugueses foi o Barroco! Por isso, antes de viajar pelo Brasil, vamos entender o que é e como surgiu o estilo Barroco na Europa.

A origem da palavra Barroco é controvertida. Porém, todas elas apontam para um significado pejorativo num sentido de deformação, de apariência irregular.

A arte Barroca é sacra na sua essência. Em 1517, século XVI, um monge católico alemão, Martinho Lutero, contestou os dogmas da própria Igreja, o uso e adoração de imagens e, principalmente a venda de indulgências, o que teve como resultado a Reforma protestante.

Para fazer frente ao ocorrido, a Igreja, que perdeu força e apoio em algumas regiões da Europa, especialmente nos países nórdicos, estabeleceu a Contrarreforma, a fim de conter as ideias protestantes. Assim, foi criada a Companhia de Jesus, ordem jesuítica que tinha como objetivo difundir a fé católica, construindo novas e grandes igrejas.

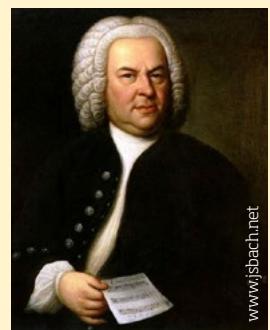
Por determinação do Concílio de Trento, reunido pela Igreja Católica para debater o assunto, a arte não deveria mais ensinar e, sim, emocionar, falar alto ao sentimento, impressionar, exaltar, enternecer, empolgar, enfim, arrebatá-lo ao espírito do crente. Como fruto desse processo, nasce a arte barroca.



Alessio Damato

A primeira construção desse período, por ordem do mesmo Concílio, foi a Igreja de Jesus, em Roma. Concebida pelo arquiteto italiano Giacomo della Porta (1532-1602) em 1568, serviu de modelo para as demais igrejas barrocas.

Espanha e Portugal, países francamente católicos, tornaram-se bastante receptivos ao novo estilo, provocando, consequentemente, seu desenvolvimento nas colônias americanas. A elaboração dessas novas artes, da arquitetura à música, guiada pelo esforço para não perder os seus adeptos expostos ao protestantismo, apelava para a emotividade. Dessa forma, o estilo barroco surge rompendo com os valores de racionalidade e simplicidade, traços marcantes do Renascimento, e tem como expressão típica as igrejas, construídas em grande quantidade durante o movimento de Contrarreforma.



[Clique aqui](#) para conhecer um pouco da música barroca do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750).



A arte barroca deixa de lado a simetria do Renascimento, destacando o dinamismo e a imponência através de elementos contorcidos e espirais, produzindo diferentes efeitos visuais, tanto nas fachadas quanto no interior de seus prédios.

Além de ser uma declaração visível da riqueza e do poder da Igreja, tem como característica principal a tensão entre sentimento e razão, o que já era possível observar nas obras de Michelangelo, a luta entre a preservação do estilo clássico em sua suavidade e simetria, e a expressão do sentimento humano com todas as suas nuances. Por isso, as contorções dos corpos e rostos, os impactantes efeitos de luz e sombra, como recursos teatrais utilizados para persuadir e convencer.

Se por um lado, nota-se o desapego pelas formas ideais de beleza e perfeição clássicas, por outro lado surge a valorização dos temas, representados com mais naturalismo, quer dizer, na imagem representada das coisas e dos seres humanos aparecem as marcas do tempo, os defeitos físicos, os traços que lhes são peculiares, mesmo que isso pudesse parecer feio ou extravagante.

Nesse contexto, sobressaem o movimento, a expressão, o espaço e todos os artifícios para que essa representação provoque impacto no espectador, como o uso das cores, forte contraste entre claro-escuro, a síntese das formas e o realismo de inspiração popular.

Há muito o que aprender sobre a dramaticidade da luz e do movimento nas obras barrocas! Esse aprendizado pode render bons intercâmbios com a área de teatro, fotografia e vídeo, além de conhecimentos sobre ciências!



À esquerda: *A descida da cruz*, de Peter Paul Rubens (1577-1640), artista flamengo. Catedral de Nossa Senhora, Antuérpia, Bélgica. À direita: *Anunciação*, do artista El Greco (1541-1614). Museu de Arte de São Paulo. El Greco foi o pintor que mais deformou suas figuras em busca de maior expressão, sendo incompreendido e rejeitado pelo público da época. No século XIX, foi cultuado por artistas expressionistas que viram, em sua obra, inspiração para seus trabalhos.



Em seu conjunto, essas qualidades formais sugerem a interpretação de um mundo mais realista, em que os elementos que compõem a obra, inclusive o ser humano, está sujeito a mutações, diferentemente do que o ocorria no Renascimento, no qual a visão da beleza ideal tem um caráter imutável.



Uma grande carga de realismo é encontrada nas pinturas de Caravaggio (1571-1610). Ao pintar o quadro *A Morte da Virgem*, escolhe uma mulher do povo para representar a figura central, ou seja, a Virgem, algo impensável até essa época.

A arquitetura sacra compõe-se de variados elementos que pretendem dar o efeito de intensa emoção e grandeza: o teto é elevado, contendo elementos de escultura; as janelas se posicionam de modo a favorecer a penetração da luz para que se destaquem as principais esculturas; na elaboração das colunas predomina o elemento decorativo, causando a impressão de poder e de movimento, e as fachadas são ricamente ornamentadas. As construções não religiosas também sofreram influência do Barroco.

A escultura barroca é marcada por figuras que exibem intensa dramaticidade, tanto por suas formas, quanto por expressões que revelam a intensidade dos sentimentos que as animam e pelo movimento. Na Itália, destacou-se o trabalho de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) que, embora tenha se destacado como escultor e arquiteto, foi também pintor e desenhista.

Na pintura, a serenidade e a delicadeza do *sfumato* de Leonardo da Vinci começa a dar lugar às pineladas mais fortes e espessas do Barroco, proporcionando um intenso jogo entre luz e sombra e evidenciando o estado emocional das figuras, representado de forma exacerbada com enorme apelo aos sentidos e num espaço em que é possível observar o movimento. As representações se revestem de uma carga de realismo, pois os artistas dessa época trazem para a tela as feições de figuras populares. Tanto o grande pintor espanhol Velasquez quanto o controverso pintor italiano Caravaggio ousaram adotar, como modelos, pessoas simples, pinçadas do meio popular.



Acima: Palácio de Versalhes (c.1668), Versalhes, França. Ao lado: escultura *O Êxtase de Santa Teresinha*, de Bernini (1598-1680) na Igreja de Santa Maria della Vitoria, Roma, Itália. Pintura *Judith decapitando Holofernes*, de Artemisia Gentileschi (1593-1653).



A arte barroca se disseminou rapidamente pela Europa, atingindo até mesmo os países convertidos ao protestantismo de Martinho Lutero, onde o barroco teve feições diferentes daquelas pretendidas pela Igreja Católica. Na Holanda, por exemplo, o século XVII é considerado o Século de Ouro da pintura holandesa, brindado com artistas como Rembrandt van Rijn (1606-1669) e Johannes Vermeer (1632-1675).



À esquerda: *O retorno do filho pródigo*, obra de Rembrandt; à direita: *Moça com brinco de pérola*, de Johannes Vermeer.



A adoração dos magos (c.1654)

Rembrandt também foi um notável gravador, sendo marcante seu experimentalismo, originalidade e domínio de técnicas de gravura em metal. Como grande mestre do claro-escuro, criou grandes efeitos dramáticos de sombra e luz nas suas gravuras. Ao lado da xilogravura, a gravura em metal era outra técnica de reprodução utilizada desde o Renascimento. Você pode conferir outras gravuras com temas religiosos de Rembrandt [clicando aqui](#).

Rococó

O estilo Rococó nasceu na França do século XVIII, logo após o Barroco, difundindo-se por toda a Europa. O nome “rococó” tem origem no francês *rocaille*, que significa “concha”, sendo por isso muito comum encontrar esse elemento nas representações do período.

Apoiado na filosofia iluminista, configura-se como um estilo de arte leve, que utiliza cores claras. Ao contrário do Barroco, dramático e exagerado, não sofreu a forte influência da Igreja.

O Iluminismo foi uma filosofia que vigorou no século XVIII, que defendia a ampliação dos direitos civis e a diminuição do poder da Igreja.

Sua narrativa traduz a natureza transitória das coisas, que permite a entrega aos deleites da vida, despida do caráter intocável e eterno, características que se refletem em todas as suas manifestações, seja na arquitetura, escultura, pintura e mesmo no mobiliário, que é funcional, pautado no conforto e no prazer.



A educação faz tudo, uma das pinturas de Jean-Honoré Fragonard (1732-1803) que celebra o prazer momentâneo, disponível no acervo do Museu de Arte de São Paulo - MASP.

É também da época do estilo rococó o conto francês “A bela e a fera” (1740), cujas duas primeiras versões foram escritas por mulheres e os textos originais estão nessa edição, disponível no acervo IBS.



Barroco e Rococó, juntos no Brasil

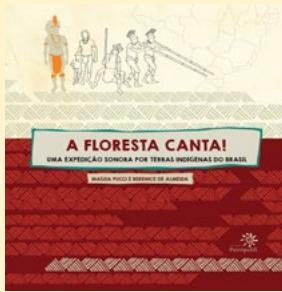
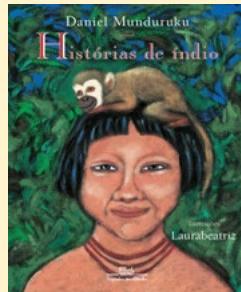
Como vimos, o estilo barroco atravessou o oceano com os colonizadores europeus e chegou ao Brasil no século XVII, através dos missionários católicos, especialmente os jesuítas, que tinham

como missão catequizar e aculturar os povos indígenas que aqui já estavam. O Rococó chegou logo depois, sem muita distinção. Os dois estilos conviveram juntos no Brasil.

Não podemos esquecer que as terras brasileiras eram habitadas por uma diversidade imensa de nações indígenas. Cada grupo tinha sua própria língua, cultura e expressões simbólicas.



Em quatro livros do acervo IBS também é possível conhecer um pouco mais sobre a cultura indígena.



Rapidamente, os índios habilidosos, expostos à cultura portuguesa, assim como os negros africanos escravizados, passam também a ser produtores de arte, em várias funções, dando feições novas e originais ao barroco brasileiro.

Índios e negros são considerados agentes da formação da verdadeira cultura brasileira, sabendo-se que os negros africanos escravizados foram responsáveis pela maior parte do acervo de arte barroca nacional.



Igreja de São Francisco, Salvador

De modo geral, no Brasil, o Barroco foi carregado de fortes emoções e sentimentos humanos, e mais opulento, até pela fartura do ouro. As primeiras cidades a receber e replicar esse estilo de arte foram as cidades litorâneas que na época eram grandes centros, como Salvador, Recife e Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, são descobertas as minas de ouro na região de Minas Gerais, outra fonte geradora de riqueza.



Igreja Nossa Senhora do Carmo, Mariana, Minas Gerais



Salvador

A cidade de Salvador, na Bahia, foi capital do Brasil até 1763. Portanto, quando o Barroco chega ao Brasil, a primeira cidade que tem contato com esse estilo é Salvador.

O Pelourinho, conjunto arquitetônico tombado como Patrimônio Histórico da Humanidade, reúne belos exemplares da arquitetura barroca brasileira. O melhor exemplo é a Igreja de São Francisco. Com seu interior todo trabalhado em ouro e riqueza de detalhes, tinha como função prioritária atrair os fiéis pelo deslumbramento.



Conjunto arquitetônico de São Francisco, Salvador



Interior da Igreja de São Francisco, Salvador



Interior da Igreja de São Francisco, Salvador

Pernambuco

A nova ideologia também orientou as regras estéticas em outras capitais, mas em solo pernambucano, centro açucareiro mais próximo da Europa que, durante um período, foi dominado pelos holandeses, adquiriu características da região, um elemento a mais a ser incorporado a esse conjunto.



Nossa Senhora do Carmo, Olinda



Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, cidade portuária que passou a ser a capital do Brasil em 1763, a transformação em forte zona de comércio para escoamento do que era produzido pelas regiões dedicadas à mineração, colaborou para o florescimento das artes.



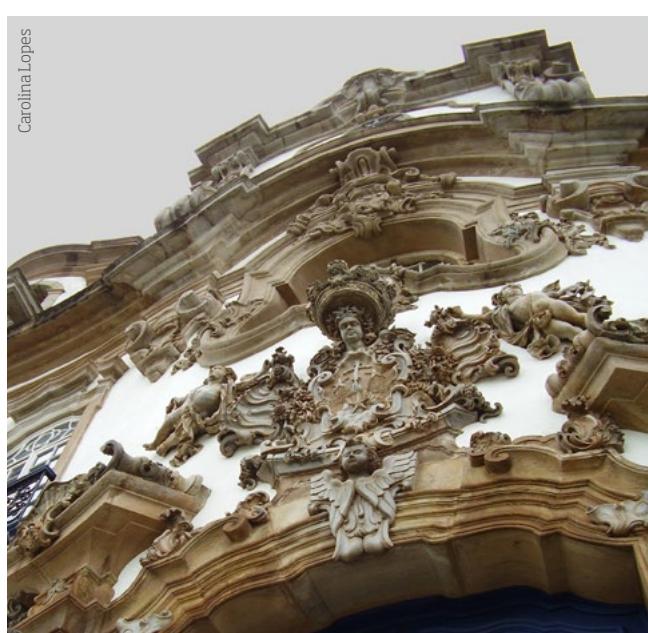
A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, na capital fluminense, é um dos melhores exemplos do Barroco brasileiro. Aqui, um detalhe da pintura ilusionista, feita no forro por Caetano da Costa Coelho, a primeira do gênero no país.

Minas Gerais

Em Minas Gerais, o Barroco e o Rococó se manifestaram de modo completamente diferente do resto do mundo. Por se tratar de uma região distante do litoral, havia muita dificuldade para levar materiais vindos de Portugal. Por isso, os artistas utilizaram materiais típicos da região, como a pedra-sabão no lugar do mármore e madeiras como o cedro, adaptando-se e driblando algumas limitações técnicas, o que contribuiu para que sua produção fosse caracterizada pela diversidade e ecletismo.

Habitadas por funcionários reais, comerciantes, tropeiros, artesãos, religiosos e profissionais liberais, era das regiões auríferas de Minas que emanava a maior riqueza do nosso país.

A sociedade mineradora era bastante distinta da açucareira. Enquanto a sociedade do açúcar, característica do início da colonização, era rural e estratificada, a sociedade do extrativismo de ouro e diamantes era urbana e apresentava mobilidade social. Pessoas pobres enriqueceram com a mineração e o comércio, configurando um corpo social mais diverso em cidades como Vila



Portada da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto

Rica, hoje Ouro Preto, Sabará, São João Del Rei, Mariana, Tiradentes e Congonhas do Campo.

Por sua geografia montanhosa, ali foi desenvolvida uma disposição bastante particular da arquitetura, formando um cenário atraente, com as novas edificações erigidas ao longo de seus vales e encostas. As igrejas, construídas nos morros, lembram sua importância na vida da população.



A pintura de cavalete ficou reservada à demanda por retratos daqueles que podiam pagar por esse luxo. Ao contrário da produção europeia, os retratos realizados no Brasil nessa época não possuem valor artístico. A pintura se desenvolveu principalmente vinculada à arquitetura.

Nas igrejas e capelas foram pintados forros, colunas, arcadas e medalhões. Em Minas Gerais, as cores eram muito vivas, e, ao contrário de outras regiões brasileiras, as pinturas possuíam grandes dimensões, adotando a perspectiva ilusionista adotada por Caetano da Costa Coelho, no Rio de Janeiro, o que sugeria uma continuidade visual da arquitetura real interna da igreja.



VOCÊ SABIA?

Os santinhos do pau oco eram imagens feitas com um espaço oco por dentro, que servia para contrabandear ouro. Essa prática ilícita deu origem à expressão!



Acima: Santa Verônica, obra atribuída a Mestre Piranga



Ao lado: Atlante, trabalho atribuído à Aleijadinho



Ricardo André Frantz

Pintura do forro da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em Ouro Preto, feita por Manuel da Costa Ataíde (1762-1830), mais próxima ao estilo Rococó.

A escultura desenvolveu-se dentro e fora das construções. Muitas esculturas de santos foram realizadas em madeira. Os artistas da talha em madeira, em sua grande maioria anônimos, também produziram majestosos retábulos para decoração do interior das igrejas e capelas. Depois de entalhadas, as obras recebiam a "encarnação", uma massa chamada de bolo armênia que recobria toda a imagem, com a finalidade de receber as tintas coloridas - policromia- e, no final, a douração, com folhas de ouro.

Em imagens de pequeno porte, além da madeira, era utilizada a pedra-talco e o barro, por sua maleabilidade. A pedra-sabão foi muito utilizada na confecção de frontispícios e portadas das igrejas, tendo como o maior de seus destaques as esculturas dos profetas, feitas por Aleijadinho, em Congonhas do Campo.



Raposo - Pinterest

Detalhe do retábulo do altar da Capela Nossa Senhora do Ó, em Sabará, Minas Gerais



O Mestre Aleijadinho

Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (c.1730-1814) foi contemporâneo e parceiro de trabalho de Manuel da Costa Ataíde, pintor igualmente talentoso. Responsável pelo projeto e decoração escultórica de igrejas como a Ordem Terceira do Carmo e da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, entre ou-

tras, nas cidades de Ouro Preto, São João del Rei, Sabará e Congonhas do Campo, trabalhou incansavelmente, mesmo sendo portador de um tipo de doença que limitava seu desempenho. É dele o majestoso conjunto dos doze profetas na Igreja do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo.



Igreja de São Francisco de Assis em São João Del Rei, Minas Gerais, projeto de Aleijadinho, que também era arquiteto, e o detalhe do frontispício, elemento decorativo sobre o portal da igreja, relevo em pedra-sabão atribuído à Ancieta de Souza Lopes.

Arte na África

A mais antiga escultura da África subsaariana foi encontrada na região da Nigéria, na época onde lá habitava o povo Nok, há cerca de 500 a.C. Desde então, temos um vasto exemplo do que foi a cultura material das diferentes etnias africanas, assim como as outras sociedades que vimos até agora, que também deixaram seus vestígios por meio da arte.

A arte africana se assemelha, em suas funções, às de outras civilizações que já conhecemos. As peças produzidas não foram feitas para serem contempladas, mas obedeciam à critérios sociais e religiosos.

A visão de mundo das culturas africanas abrange a ideia de um além ou de um mundo paralelo, além do mundo dos vivos, do qual as pessoas vêm por pouco tempo ao mundo terreno e ao qual retornam após a sua morte. Muitas obras de arte da África assinalam essa interface.

Cada grupo étnico tinha - em alguns casos, ainda tem - sua visualidade distinta, bem como seus significados. Para compreender totalmente o significado específico desses objetos, seria preciso mergulhar na cultura de cada grupo. Isso não impedia, no entanto, que uma etnia influenciasse outros grupos vizinhos.





ANOTE AÍ

Algumas influências da cultura africana no Brasil estão na culinária (vatapá, acarajé, pamonha, pimenta, leite de coco, entre outros), na dança (samba, afoxé, maracatu, congada, umbigada, capoeira), na música (tambor, atabaque, cuíca, berimbau, entre outros).

Apesar das várias etnias, a arte africana possui alguns traços gerais. Os objetos desempenhavam a função de contribuir para a ordem, a estabilidade ou a segurança no mais amplo sentido imaginable, ou - no caso de uma perturbação destas - de apoiar seu restabelecimento.

Máscaras e esculturas eram produzidas para um cliente concreto ou para uma determinada ocasião. Nas sociedades rurais, os entalhadores exerciam a sua atividade artística quase sempre simultaneamente ao seu trabalho no campo ou na forja e adquiriam suas habilidades num aprendizado de vários anos. Já nos reinos, os artistas especializados se organizavam em categorias profissionais ou guildas específicas, como na Idade Média europeia.

O marco iconográfico previamente definido na produção de máscaras e esculturas deixava espaço para soluções individuais. Mas a peça só poderia funcionar como signo se pudesse ser identificada como tal pelos membros da sociedade, isto é, se o artista a realizou com correção iconográfica.

No caso dos retratos, por exemplo, mais importante do que parecer-se visualmente com o retratado era o sentido exterior que o objeto recebia, fosse seu nome, um local específico para seu posicionamento ou os atributos que o identificavam.

As máscaras, assim como os demais objetos, são imbuídas de funções sociais e sagradas. Fazem parte de indumentárias completas, representações artísticas de seres míticos, ou forças personificadas da natureza ou ainda de antepassados que permitem o contato entre o mundo dos homens e o mundo espiritual. Junto com música e danças, compunham performances diversas com objetivos distintos como por exemplo, ensinamento, entretenimento, funções judiciais, regulação do poder etc.

A arte africana inspirou diversos artistas ligados a diferentes movimentos da arte moderna, como cubistas e expressionistas, devido à sua potência semântica, entendidas como um vigor primordial, ancestral.



www.african-artsgallery.com

Estátua de ancestral masculino do povo Hemba, hoje região da República Democrática do Congo. As proporções, o penteado, a barba distinguem a etnia na qual foi produzida. As mãos na barriga indicam fertilidade, continuidade e perpetuação da linhagem.



Algumas máscaras de diferentes grupos étnicos e seus significados

Para ter uma ideia de como são usadas as máscaras africanas, você pode apreciar uma performance com máscaras do povo Dogon, do Mali, [clicando aqui](#).



www.culturagenial.com

Máscaras em madeira do povo Fang

As máscaras Fang, originárias do Gabão e Camarões, eram utilizadas em cerimônias de iniciação e outros rituais, podendo ser colocadas apenas por membros escolhidos da tribo.



www.metmuseum.org



www.culturagenial.com

Máscara de figura feminina do povo Tchokwe

O povo Tchokwe, originário da região da Angola, é o responsável pela criação das máscaras Chihongo e Pwo. As peças representam figuras femininas, trazendo o conceito da fertilidade. Os desenhos na face representam as escarificações e tatuagens tradicionais do povo. Nas cerimônias onde são exibidas, apenas homens podem usá-las. Eles vestem também um traje de fibras naturais, além de seios feitos em madeira.



galleriaprimitiva.com

Máscara de duas faces do povo Ekoi

O povo Ekoi, presente na Nigéria e Camarões, produz um tipo de máscara que representa as forças opostas presentes no universo, como o masculino e o feminino; o terreno e espiritual, dos vivos e dos mortos, dentre outras concepções de dualidade. Eram máscaras usadas tradicionalmente em ritos de iniciação e cerimônias fúnebres.



www.culturagenial.com



Máscara do povo Bwa

O povo Bwa, da região de Burkina Faso, usa máscaras que simbolizam instrumentos de conexão entre o universo selvagem e o universo social. Elas integram equilibrando as forças e trazendo entendimento e paz. Essa máscara pode ser usada tanto em celebrações de iniciação, como em eventos fúnebres e até mesmo em negociações comerciais.



Fascículo 3

10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES



Conhecer e compreender a complexidade e a importância da arte da África como manifestação tão relevante quanto qualquer outra expressão artística, contribui para sua valorização, promoção e inclusão na história oficial da arte em pé de igualdade com expressões de qualquer outro continente.

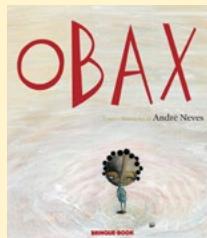
OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Para conhecer e compreender ainda mais as culturas do continente africano, valorizando seu legado e suas manifestações, o acervo IBS dispõe de uma diversidade de livros que abordam as culturas africana e afro-brasileira! Seguem, abaixo, alguns exemplos:



A semente que veio da África, de Heloisa Pires Lima e mais dois convidados africanos, foca no baobá, árvore que por viver até seis mil anos e ficar gigantesca, inspira muitas histórias para quem vive em torno dela. O livro também traz um jogo originário do norte do Golfo de Guiné.



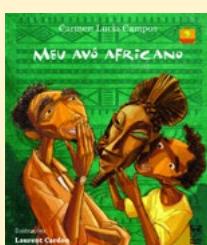
Escrito e ilustrado por André Neves, Obax ressalta a natureza criativa do imaginário infantil. Com ilustrações que mostram toda a magia e o colorido da savana africana, a obra remete à cultura de grupos étnicos do oeste africano.



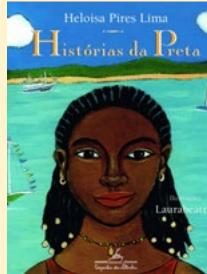
A beleza negra é devidamente valorizada nesse livro de Ana Maria Machado, que conta o diálogo de uma linda menina negra que desperta a admiração de um coelho branco, que deseja ter uma filha tão pretinha quanto ela.



Plantando as árvores do Quênia, da autora Claire Nivola conta a história da primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz, a ambientalista queniana Wangari Maathai.



Em Meu avô africano, de Carmen Lúcia Campos, Vítor Iori descobre que a vinda dos africanos para o Brasil foi bem diferente da dos imigrantes europeus. Com seu avô Zinho, aprende a história de seus antepassados e descobre a importância de preservar suas raízes.



Em Histórias da Preta, Heloisa Pires Lima reúne informação histórica, reflexão intelectual, estímulos ao exercício da cidadania e histórias mitológicas da África. Com conhecimento de causa, a autora fala sobre a população negra no Brasil, com a experiência de quem já foi alvo de racismo.



Origens do Modernismo

A partir da Revolução Francesa, no final do século XVIII, o mundo foi tomado por uma série de revoluções inspiradas no lema “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. O ser humano, que já fora tocado pelas ideias renascentistas no século XV, que colocavam o homem no centro dos acontecimentos, foi apresentado às ideias iluministas, cujas diretrizes colocam a razão como

a principal fonte de autoridade e legitimidade. Com plena consciência da sua potencialidade, tanto como ser coletivo quanto individual, o homem desse período quer fazer valer o seu poder de ação. Sob essa égide, a humanidade viu ruir as monarquias absolutistas, o início de um longo caminho de resgate à Democracia, criada na Grécia Antiga!

O iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutelagem que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutelagem quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento mas da falta de resolução e coragem para se fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. Sapere audi. Ter coragem para fazer uso da tua própria razão! – esse é o lema do iluminismo.

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão

Com base nesses acontecimentos, a arte começou a ter como objeto a representação da realidade, e, como acrescentou o escritor Émile Zola (1840-1912), “do real visto através de um temperamento”, isto é, o artista que antes abria mão do que seria produto de sua sensibilidade pessoal, agora, não mais negaria a sua subjetividade.

Dessa forma, os estilos artísticos surgidos em meio às convulsões sociais provocadas pela Revolução Francesa, e à Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, espelharam as grandes mudanças e inquietações desse período.



Detalhe de *A Liberdade guiando o povo*, pintura do artista romântico Eugène Delacroix (1798-1863) celebra a Revolução de Julho de 1830 na França, que pôs fim à restauração do trono francês, evento histórico que inspirou o clássico da literatura *Os miseráveis*, de Victor Hugo (1862-1885).

Arte Neoclássica

O Neoclassicismo surgiu na Europa como uma reação contrária ao excesso ornamental do Barroco e do Rococó, resgatando o equilíbrio, a harmonia e a sobriedade da arte clássica greco-romana. Até mesmo a moda tornou-se mais sóbria, algo especialmente notável nos trajes femininos.

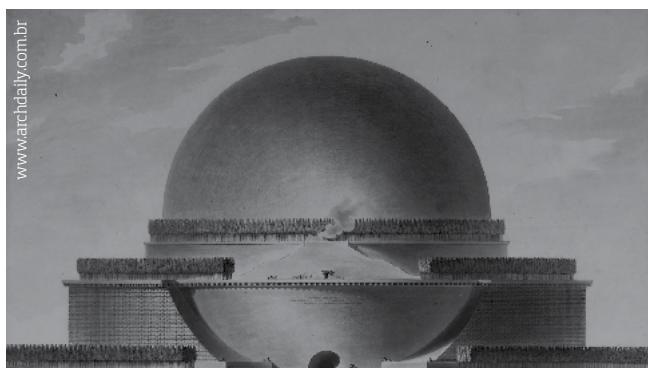
Se o estilo Rococó foi uma expressão aristocrática, o Neoclassicismo, por sua vez, expressa os interesses, a mentalidade e os hábitos da burguesia, a nova classe social dirigente, até então manufatureira e mercantilista, que evoluiria mais tarde ao estágio industrial e capitalista.



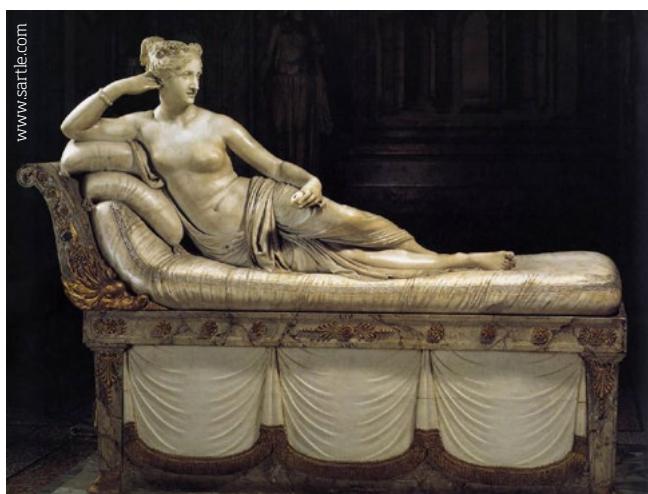
Na pintura, os temas que se referiam ao passado histórico ou à mitologia greco-romana, além de retratos da elite, eram preferência, destacando-se os pintores Jacques-Louis David e Jean-Auguste-Dominique Ingres.

Mais dois exemplos da arte neoclássica se revelam nas obras do escultor italiano, Antonio Canova e do desenhista, gravador e arquiteto, também italiano, Giovanni Battista Piranesi, cuja temática gira em torno da arquitetura.

O estilo neoclássico teve bastante destaque na arquitetura, exaltando o conhecimento científico e as necessidades sociais na criação de edificações que, despidas das ornamentações exageradas do barroco e do rococó, resgatam os elementos estéticos greco-romanos. Arquitetos e engenheiros começam a deixar uma marca pessoal em suas obras, fazendo expressar o propósito do artista.



Projeto do francês Étienne-Louis Boullée (1728-1799) para o cenotáfio do físico britânico Isaac Newton. Cenotáfios são monumentos fúnebres em memória de alguém cujo corpo não se encontra sepultado no local.



Paolina Borguese como Vênus Victrix, escultura de Antonio Canova (1757-1822).



À esquerda: na pintura de Elisabeth Le Brun (1755-1842), Maria Antonieta, a perdidária rainha da França decapitada durante a Revolução Francesa, em seu traje Rococó. À direita: Imperatriz Josefina em seu traje do dia da coroação de Napoleão Bonaparte, bem mais austero, em pintura de François Gérard (1770-1837). Abaixo: *Napoleão em seu trono imperial* (1806), pintura de Jean-Auguste-Dominique Ingres (1780-1867) e *Orapto das Sabinas*, de Jacques-Louis David.



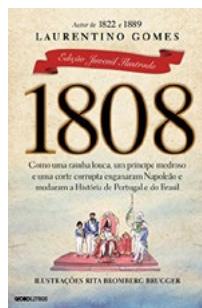
No Brasil

A arte neoclássica, fruto do iluminismo, sistematizou definitivamente a arte para o ensino na academia. Durante esse período, as academias de arte oficiais se espalharam pela Europa e pelas Américas. Exatamente nesse formato, chegou ao Brasil através da Missão Artística Francesa em 1816, promovida por D. João VI a fim de instituir o ensino oficial de artes no país, cujos principais mentores foram os pintores Nicolas-Antoine Taunay e Jean Baptiste Debret.

O estilo neoclássico, junto ao romântico, interrompeu dois séculos de grande inventividade do

Barroco-Rococó brasileiro, impondo aos círculos artísticos um modelo exaustivamente esquematizado.

Para contextualizar o período, o livro "1808", de Laurentino Gomes, disponível no acervo IBS, conta a história dessa época de forma leve e prazerosa!



A Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro, é um exemplar da arquitetura neoclássica, projetada por Grandjean de Montigny (1776-1850), membro da Missão Artística Francesa.



Wikipedia

Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830) concentrou-se na documentação das paisagens, usando a figura humana como escala.



Wikipedia

Jean Baptiste Debret (1768-1848) nos legou uma vasta documentação em imagens do cotidiano do Rio de Janeiro da época, inclusive revelando as torturas sofridas por negros escravizados.

O Romantismo



Jean-Baptiste Camille Corot (1796-1875), *A solitude* (1866)



O Romantismo se estabeleceu como um contraponto que revela a tensão entre os ideais da Revolução Francesa e a ascensão da burguesia que, estando no poder, contrariou os ideais revolucionários. Assim, os artistas românticos têm como característica principal a predominância dos valores subjetivos, o que não acontecia no Neoclassicismo, que tinha sua arte submetida a valores intelectuais.

Diferentemente do conceito individualista do neoclassicismo, pautado na liberdade individual como direito adquirido, o individualismo româ-

tico diz respeito ao que há de singular na personalidade de cada ser humano, valorizando esse traço subjetivo.

Portanto, embora o romantismo ainda se ache preso a certos formalismos acadêmicos, cada um dos artistas deseja demonstrar sua forma particular de interpretar o mundo que os rodeia.

Com isso, muito da personalidade dos artistas românticos revela-se nas pinceladas enérgicas que fazem questão de exibir, mostrando o volume e a rastro da tinta como parte da composição, o oposto da pintura neoclássica, lisa e sem vestígios de pincel.

A Europa foi um ambiente propício para o desenvolvimento de grandes pintores como Delacroix, Géricault e Corot, na França; Constable e Turner, na Inglaterra; e Francisco Goya, na Espanha.

O romantismo iniciou-se na literatura, expandindo-se para as artes plásticas, a música e a arquitetura, que resgatou elementos do estilo gótico. Victor Hugo, escritor francês, celebrou o estilo gótico no romance "Notre-Dame de Paris", mais conhecido como "O corcunda de Notre-Dame".



Francisco de Goya (1746-1828), *Três de maio de 1808 em Madrid* (1814)



John Constable (1776-1837), *Catedral de Salisbury vista do Parque Bishop* (1826)



A Proclamação da República (1893), pintura de Benedito Calixto (1853-1927).



Dois versões da mesma tragédia romântica: à esquerda, a *Moema* (1866) do pintor Victor Meirelles (1832-1903). À direita, a *Moema* (1895) escultura em bronze de Rodolfo Bernardelli (1852-1931).

No Brasil

A literatura, a música e as artes tiveram grande destaque na produção romântica no Brasil. Em virtude do momento histórico, entre o episódio da independência e a agitação republicana, o movimento romântico encontra eco pelo seu viés nacionalista, quando se buscava dar ao país uma identidade nacional.

Utilizando elementos brasileiros como a natureza, os tipos populares e o índio, artistas acadêmicos como Victor Meirelles, Rodolfo Bernardelli e Pedro Américo.



pinacoteca.org.br



O Realismo

O movimento realista também segue na onda dos ideais da Revolução Francesa, mas agora o desejo é chocar a burguesia. O protesto veemente contra as convenções, tanto sociais quanto da arte instituída. Surge o desejo de representação do mundo tal qual é percebido pelo artista, sem forjar cenários ou qualquer tipo de idealização.



As *respiçadeiras*, tela do francês Jean-François Millet (1814-1875), revela um interesse pela realidade da classe trabalhadora, exaltando a simplicidade e a dignidade dos trabalhos mais corriqueiros.

A enorme aceleração ocasionada pela Revolução Industrial gerou grande disputa entre produtos manufaturados e aqueles fabricados em série, e, mais que isso, a acentuação da divisão de classes sociais com a precarização da vida dos operários. A insatisfação pelas condições sociais que se apresentam aumenta e diversas revoltas começam a ocorrer.

Ocorre uma ruptura sem precedentes com o passado. O Neoclassicismo e o Romantismo, perante o Realismo, parecem tradicionais e conservadores, pois a revolução de valores ocorreu muito rapidamente.

De qualquer forma, foi a partir do Romantismo que a arte adquiriu um caráter politizado, interferindo nos acontecimentos e não se resumindo apenas a contradizer o estilo anterior. Tendo essa gama de acontecimentos como cenário, o Realismo eclode, marcado pelas denúncias sociais que faz. A partir de agora, a arte também é uma voz a ser ouvida dentro do sistema instituído.



Duas obras de Honoré Daumier (1808-1879) no acervo do Museu de Arte de São Paulo: à esquerda, a pintura *Dois rostos* (c.1862); à direita, o relevo *Imigrantes* (c.1855).

Na pintura, os artistas procuram abordar temas que, em maioria, assumiam uma postura política, especialmente quando apresentam o ser humano comum e mais desfavorecido, em seu cotidiano, abandonando o ideal de beleza considerado até então. Gustave Courbet, um pintor francês de prestígio, criou quadros que cho-
ca-

vam o público ao apresentar de forma objetiva os problemas sociais. Além de Courbet, integram a lista de pintores representantes do movimento realistas os nomes de Millet, Daumier, Corot e até mesmo o impressionista Édouard Manet revela se apropria de temáticas realistas em alguns de seus trabalhos.



Na escultura, o Realismo também se manifestou e, assim como na pintura, os escultores procuravam retratar as pessoas e o cenário que as rodeava sem idealização. O artista que mais se destacou, e que ainda hoje permanece como um dos grandes nomes da escultura, foi Auguste Rodin (1840-1917), centro de grandes polêmicas. Auguste Rodin é classificado por muitos estudiosos de Arte como o precursor do estilo modernista na escultura. E quando se fala de Rodin, impossível não falar de Camille Claudel (1864-1943), grande escultora, assistente de Rodin e que o auxiliou e finalizou muitas de suas obras.

Acima, o primeiro grande trabalho de Rodin, *A Idade do Bronze*, que causou enorme alvoroço. O realismo da escultura é de tal monta que gerou dúvidas quanto à sua produção, se teria sido feita a partir de moldes de modelos vivos.

Abaixo, *A valsa* (1900), escultura de Camille Claudel.

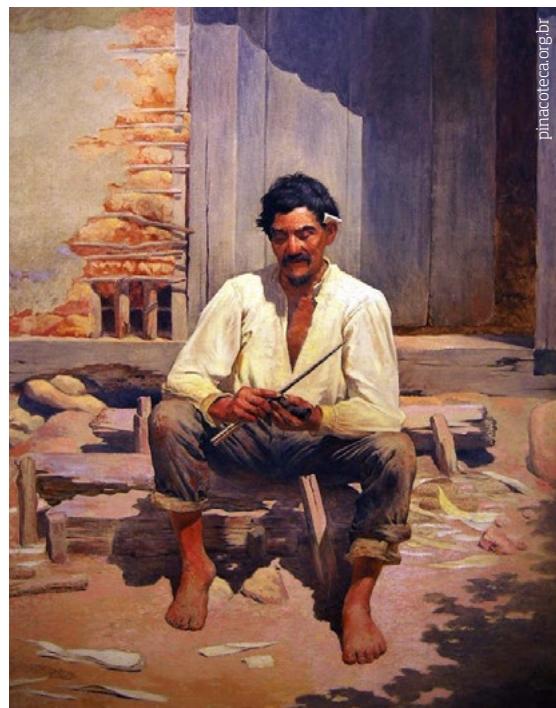


www.leticiaradaic.com.br

No Brasil

O Realismo, no Brasil, teve sua maior expressão na literatura, com Machado de Assis, ao publicar livros como "Memórias Póstumas de Brás Cubas" e "Dom Casmurro". É fácil entender por que o Realismo que se manifestou no Brasil nas artes plásticas não tenha se dado como na Europa, uma vez que era diverso o nosso contexto histórico.

Foi Almeida Júnior que, após regressar da Europa, deu novo rumo a nossa pintura, expondo sua obra que continha uma temática da vida cotidiana rural, revelando aspectos regionais, ao retratar tipos e costumes do interior paulista.



Acima: *Caipira picando fumo*, de Almeida Júnior (1850-1899). Abaixo: *As tecelãs*, do gaúcho Pedro Weingärtner (1853-1929).



Referências bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAVALCANTI, Carlos. *História das artes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Volume 1.

CAVALCANTI, Carlos. *História das artes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Volume 2

HAUTECOEUR, Louis. *História geral da arte: da realidade à beleza*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963. Tomo II.

HAUTECOEUR, Louis. *História geral da arte: da natureza à abstração*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964. Tomo III.



Referências na Internet

AIDAR, Laura. *Máscaras africanas e seus significados*. Cultura Genial. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/mascaras-africanas>> . Acesso em: 17/10/2020.

BANCO Comparativo de Imagens Warburg. Centro de História da Arte e Arqueologia da Unicamp. Disponível em: <<http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras>> . Acesso em: 26/10/2020.

DESMET, Anne. *Out of the shadows: the story behind the chiaroscuro revolution*. Royal Academy. Disponível em: <<https://www.royalacademy.org.uk/article/out-of-the-shadows>> . Acesso em: 22/10/2020.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <[encyclopedia.itaucultural.org.br](https://www.encyclopedia.itaucultural.org.br)> . Acesso em: 31/07/2020.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>> . Acesso em: 26/11/2020.

LIMA, Viviane. *Relações sobre o uso das máscaras na África e no Brasil*. Disponível em: <<http://www.omenelick2ato.com/mais/relacoes-sobre-o-uso-das-mascaras-na-africa-e-no-brasil>> . Acesso em: 18/10/2020.

MUSEU do Prado. Disponível em: <<https://www.museodelprado.es/en/the-collection>> . Acesso em: 12/11/2020.

TODA matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br>> .

UNSPLASH. Imagens gratuitamente compartilhadas por fotógrafos do mundo inteiro. Disponível em: <<https://unsplash.com>> .

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>> .



Agradecimentos

Ana Maria de Matos Viegas

Carmélia Menezes

Marcelo Alexandre Seixas

Marly Porto

Nayhana Rodrigues Pinotti

Taciane Motta Marconato

Zenaide Campos Farias



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados

